



BRINCADEIRA DOS CARIMBOS



GUARANI
MBYA



Este kit foi produzido no âmbito do projeto
**Ciências, Tecnologias e Povos Indígenas no Brasil:
subsídios para a inclusão da temática indígena na
Educação Fundamental**

(Edital Novos Talentos, CAPES, 2013-2015)

Concepção e design: Ingrid Lemos

Conteúdo: Kelly Russo e Gabriela Barbosa

Desenhos: Christian Orban **Cores:** Ingrid Lemos

Colaboração: estudantes e professores Guarani M'byá
da Aldeia Sapukai, Angra dos Reis, RJ.

jogos.lúdicos.UERJ.CNPq

2015



Caro Professor(a),

Esse projeto pretende contribuir com a implementação da Lei 11.645 sancionada em 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura dos povos indígenas nos currículos da Educação Básica das instituições públicas e privadas do país.

Através de materiais paradidáticos produzidos em parceria com professores/as e estudantes Guarani Mbyá, presentes no estado do Rio de Janeiro, esperamos propiciar momentos de brincadeira e de aprendizado, pois, no ato de jogar está um modo de falar, ouvir, ver e experienciar um pouquinho da cultura indígena, mais especificamente a dos Guarani M'bya.

Esperamos que você e seus estudantes tenham ainda mais interesse em conhecer e aprender com os povos indígenas a partir desses jogos. O conhecimento é, ainda, o melhor antídoto ao preconceito, à discriminação, à violência. Contamos com a sua colaboração!

INTRODUÇÃO

Existem 305 povos indígenas no Brasil, o que significa uma riqueza étnica impressionante: centenas de línguas, histórias, tecnologias, saberes que compõem a diversidade existente em nosso país. Mas, infelizmente, ainda sabemos pouco sobre essas populações.

Segundo o último censo do IBGE (2010), 896.000 pessoas se autoidentificaram como indígenas, o que representa um crescimento de 11,42% em relação ao censo anterior (2000). Parte significativa dessa população (quase 350 mil pessoas) está fora das terras indígenas, vivendo em áreas urbanas ou rurais, rediscutindo e tornando ainda mais dinâmicos seus laços de pertencimento e de reconhecimento étnico.

Vemos a participação crescente de intelectuais e profissionais indígenas, que se organizam e atuam no cenário nacional e internacional para rediscutir estereótipos e velhas perspectivas coloniais e eurocêntricas presentes em nossa sociedade. Exigem novas abordagens e um maior (re) conhecimento de suas histórias e contribuições ao país.

É nessa perspectiva de luta e de reconhecimento que entendemos a Lei 11.645 sancionada em 2008, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da educação básica

Reduzir ou acabar com o preconceito e a discriminação exige a busca de informações corretas e atualizadas, que despertem nas pessoas a curiosidade de descobrir quem são esses povos que vivenciam culturas tão diversas.

Apesar do tempo escasso que possui, o professor pode recorrer a músicas, histórias, imagens, sites e filmes para discutir e aprender com seus alunos um pouco mais sobre tais formas diferenciadas de organizar e lidar com o mundo. Apresentar e conhecer povos específicos, em lugar de apenas recorrer a um modelo genérico de indianidade.

Essa nova postura exige uma mudança de atitudes cotidianas: interessar-se por esses “outros” indígenas com respeito e abertura para aprender com eles, assim como eles têm aprendido a se relacionar conosco e entre si, na tentativa de organizar um movimento indígena mais forte.

A tentativa deste material lúdico, é a da aproximação, da descoberta de similaridades e diferenças, do reconhecimento do outro como parte do todo, e principalmente a quebra de velhos tabus com relação aos povos autóctones de nosso Brasil.



OS M'BYA, OS GUARANI

Os Guarani que vivem atualmente no estado do Rio de Janeiro são, em grande maioria, pertencentes ao subgrupo Mbya, que soma cerca de sete mil pessoas no Brasil.

No Rio de Janeiro somam cerca de mil pessoas que se distribuem entre sete aldeias localizadas em quatro municípios: Angra dos Reis (Aldeia Sapukai), Paraty (Aldeia Itatiim, Rio Pequeno, Araponga e Mamanguá) e mais recentemente, duas aldeias no município de Maricá (Aldeia Mboy'ty e Aldeia Céu Azul/Itapuaçu). E quem são os Guarani Mbya?

Os Mbya andam por caminhos diversos, desenhados sobre o vasto território da Mata Atlântica, desde o litoral do Brasil às florestas no leste paraguaio. Caminhos abertos na mata, estradas e rodovias que ligam as aldeias pelas quais se distribuem os parentes, ruas e cidades que passaram a fazer parte de seu cotidiano.

Trocas de conhecimentos e de materiais, casamentos e visitação entre parentes mantém a dinâmica desta rede de relações em constante transformação. Mudar os contextos de convivência, inventar novas maneiras de viver: esses parecem ser os fundamentos da sabedoria de que nos falam os Mbya, sempre dispostos a encontrar formas de animar a existência.

Antes de apresentar este jogo aos seus estudantes, vale a pena saber mais sobre o povo Guarani e outros povos indígenas no país, acessando a enciclopédia Povos Indígenas no Brasil*, voltado para professores, e Povos Indígenas no Brasil Mirim**, voltado para estudantes. Aprenda, ensine e divirta-se!

PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL INDÍGENA

O Patrimônio cultural de um povo é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade.

Esse patrimônio pode ser reconhecido através de bens materiais, como imateriais: os modos de ser, saber e viver que constituem a cultura de um povo.

Por isso o patrimônio cultural de um povo não deve ser reduzido a aspectos pontuais das produções dessas populações: “índios usam arco e flecha”, “índios moram em casa de palha”, “fazem cestaria” etc. Além de ser um equívoco reduzir tamanha diversidade indígena existente no território nacional em aspectos pontuais e isolados, é preciso revisar o próprio conceito de cultura para evitar generalizações que mais atrapalham que ajudam nessa tentativa de aproximação com os povos indígenas.

Cultura não é um conjunto de artefatos, mas um código simbólico compartilhado por homens, mulheres e crianças de diferentes gerações. É através da cultura que todas as pessoas de um grupo social atribuem significado ao mundo e às suas vidas, pensam suas experiências diárias e projetam o futuro. É, portanto, uma construção social, dinâmica que se transforma ao longo do tempo e através do espaço, dando sentido à própria vida.

Promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade

humana exigem um entendimento mais amplo sobre os diferentes modos de saber-fazer existentes em nosso país.

Quer conhecer mais sobre patrimônio cultural indígena? Aproveite disponível na internet, o livro: Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas***.

LÍNGUAS INDÍGENAS, LÍNGUA GUARANI

Assim como não existe um único povo indígena no país, não existe uma única língua indígena: são cerca de 150 línguas indígenas ainda faladas no país. Cada uma delas representa uma forma própria de organizar e contar o mundo.

Línguas são portadoras de poesia, música, ideias, tecnologias, saberes, cantos, narrativas históricas, xamanismo... Cada povo uma língua e nessa língua, um mundo! Porque não existe um modelo único de "índio", existem Xavante, Guarani, Kaiapó, Ashaninka, Pataxó, Xukuru, Kuikuro, Terena e muitos outros povos.

Por isso a comunicação na língua nativa não se dá entre povos indígenas diferentes. Para dar um exemplo: os Kaiapó, povo do Alto Xingu, falam uma língua do tronco linguístico Macro-Jê, ao passo que os Guarani que habitam o Rio de Janeiro, falam uma língua pertencente ao tronco Tupi. A diferença entre essas duas línguas é comparável àquela existente entre o português e o alemão, ou seja, praticamente ninguém se entende!

E o que são troncos linguísticos? Os povos indígenas costumam ser agrupados por afinidades linguísticas. A linguística é a disciplina que analisa as línguas, procurando

organizá-las em famílias e troncos, de modo a desvendar origens comuns e divergências que surgiram com o passar do tempo. A língua portuguesa, por exemplo, faz parte de um tronco linguístico de origem latina, assim como o espanhol e o italiano. Com as línguas indígenas, acontece algo semelhante.

No Brasil, foram identificados dois grandes troncos linguísticos entre as línguas indígenas: Tupi e Macro-Jê. Além destes, foram repertoriadas também algumas famílias linguísticas e línguas isoladas, ou seja, línguas que não possuem qualquer semelhança com as demais. Assim, toda a diversidade delas precisa ser considerada em toda a sua riqueza, visto que não existem línguas pobres ou ricas, simples ou complexas. Toda língua é completa e rica servindo plenamente para todos os usos que dela se possa fazer, portanto, que tal conhecer algumas palavras da língua Guarani e a partir desse jogo, estimular que seus estudantes possam saber mais sobre a cultura desse povo?



CHOCALHO
MBARAKA MIRIM

O GRAFISMO E A CULTURA MATERIAL INDÍGENA

O grafismo é um sistema de representação visual utilizado como linguagem simbólica da cultura material de um povo. Os motivos podem ser representações de figuras geométricas e simétricas que simbolizam elementos da natureza (animais, plantas, estrelas, rastros, etc.), da organização social e da mitologia, entre outros.

Cada desenho possui um nome e significado que, em geral, remete à fauna e flora, exceto os padrões geométricos de expressão cósmica.

O poder ritualístico da pintura corporal aparece em vários grupos indígenas e se caracteriza como “vestimenta”, para contato com os seres de sua cosmologia. A natureza é também grande fonte inspiradora. Frutas, animais, plantas... Além da natureza e suas mitologias outra grande temática da arte gráfica indígena é o sobrenatural ou a organização de sua sociedade.

Alguns povos indígenas dividem suas aldeias em duas metades. Qualquer índio desses povos pertence a uma metade ou à outra e, fazer parte de cada uma dessas metades implica em direitos e deveres específicos.

Os índios Xavante, que vivem no centro-oeste brasileiro, são um exemplo disso. Eles dividem sua sociedade nas metades O´wawẽ e Poreza’õno, ou seja, “Girino” e “Grande Rio”. Cada metade possui um grafismo específico: os índios O´wawẽ pintam o corpo quase sempre com traços horizontais; os índios da metade Poreza’õno, costumam usar apenas os traços verticais.

Cada uma dessas metades é dividida em vários clãs diferentes e para cada clã há também um padrão de grafismo exclusivo: traços finos, traços grossos, círculos, etc. Isso significa que um Xavante ao pintar o próprio corpo, identifica-se perante os outros membros de sua comunidade e desse modo, contam e recriam sua história cultural.

Os índios Kadiwéu, no Mato Grosso do Sul, também utilizavam os grafismos de seu povo como identificações internas em sua sociedade. São desenhos tão elaborados que chamaram a atenção de vários pesquisadores. Até o início do século XX os grafismos eram tatuados no corpo. Hoje em dia são pintados com o suco de jenipapo, principalmente por ocasião de celebrações. Os padrões usados na pintura corporal são utilizados também na decoração dos objetos feitos pelos indígenas.

PINTURA CORPORAL GUARANI

A pintura corporal - Ysy - era usada em jovens de ambos os sexos para indicar seu estado liminar (situação de transição para uma outra posição social) nos processos rituais de passagem para a idade adulta.

No rosto e/ou nos pulsos da moça nova, após a primeira menstruação, em ambas as faces, era pintado (com tinta preta confeccionada de cera de abelha jataí com carvão de folha de taquara criciúma ou taquarembó) o grafismo denominado de arakú pisá - dedo da saracura ou arakú pipó - rastro de saracura. Este grafismo corporal feminino também era usado para afastar tanto as doenças quanto as almas de parentes próximos mortos. Mulheres após o parto usavam-no nas articulações.

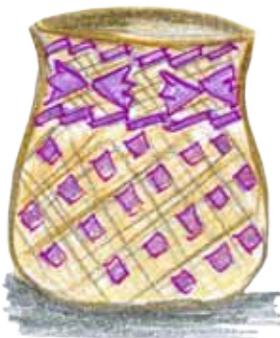
O Ysy dos homens era o motivo kurusu - cruz pintada nos pulsos e/ou na planta dos pés, jamais no rosto dos homens, com a intenção de afastar os perigos.

O desenho ipará rysy - era usado antigamente por mulheres, em sinal de luto de parente próximo. Igualmente, desde pequenas, as mulheres poderiam usá-la no rosto ou nos pulsos, como proteção contra doenças "do músculo e reumatismo", denominadas de karú guá.

GRAFISMO NA CESTARIA GUARANI

O grafismo da cestaria está carregado de representações simbólicas, relacionadas com a natureza e com o sagrado.

A confecção de cestos em taquara recebe tramas ou desenhos geométricos. As mais escuras são obtidas do uso de casca do cipó imbé, e as mais claras, amarelas ou vermelhas, são obtidas com o uso do tingimento ou pintura de tiras do material com tintas naturais.



BRINCADEIRA DOS CARIMBOS

Brincadeira: Um conjunto composto de 6 carimbos, 4 almofadas de carimbo, livreto explicativo e bolsa para guardar os carimbos.

Participantes: de 2 a 10 alunos

Como brincar: A proposta dos carimbos é livre. Podem ser usados no corpo, no papel, em tecidos ou em qualquer superfície que se desejar. É importante apenas relacionar os carimbos à cultura Guarani.

VAMOS BRINCAR...

Esta brincadeira aborda, um pouco do modo de vida Guarani, sua cosmologia e cultura. Não foi por acaso que este assunto foi escolhido. A ideia mistificada sobre o modo de vida e o cotidiano indígena precisa ser modificada.

Você perceberá que há, neste material, uma preocupação em mostrar algo que não encontramos nos livros.



ALUNO, SUJEITO DA APRENDIZAGEM

Como é consenso entre psicólogos e educadores, a experiência de vida e o que cada um sabe, constituem o ponto de partida no processo de aprendizagem. Assim, são perguntas que você pode fazer aos seus alunos:

- Você acha que todos os indígenas brasileiros vivem da mesma forma? Falam a mesma língua? Usam as mesmas roupas?

- Você sabe o nome de algum grupo indígena? Sabe onde eles moram?

- O que você sabe sobre os índios Guarani do Rio de Janeiro? Você sabe qual língua eles falam? Onde eles moram? o que eles vestem? como eles vivem?

INTERDISCIPLINARIDADE

É importante valorizar o conteúdo específico das disciplinas, pois cada uma delas tem seu papel no contexto em que vivemos. Porém, importante também é observar as correlações, os pontos comuns e as diferenças entre as diversas disciplinas, estimulando um trabalho interdisciplinar.

Assim, com base nas reflexões favorecidas pelo jogo, você pode estabelecer uma parceria com os professores de outras disciplinas para que estes colaborem com seus alunos numa investigação sobre o papel dos índios na História do Brasil:

- Quem são os indígenas? - Que etnias existem até hoje?
- Que elementos da cultura brasileira são contribuições das várias etnias indígenas?

- Como os Guarani estão distribuídos no Brasil?

RITMOS DE APRENDIZAGEM

Como sabemos, as pessoas têm ritmos diferentes de aprendizagem e é necessário respeitar o ritmo de cada aluno ou do grupo. É possível que, depois de brincar um pouco com os carimbos alguns alunos se desinteressem pela brincadeira, enquanto outros ainda estarão focados. Nesses casos, sugerimos que você tenha nas mãos complementos para a atividade.

Destacamos: pedir àqueles que já estiverem cansados que criem desenhos de grafismos de povos indígenas, de outros povos ou inventados, os grafismos podem ser estampas, ligar a estamparia ao grafismos indígena pode ser uma boa saída e mostrar estampas tradicionais de outros povos, indianos, japoneses, aldeias africanas, entre outros. Toda essa brincadeira baseada na experiência com os carimbos Guarani.

LEITURA DA IMAGEM

Na leitura das imagens presentes nos carimbos é importante complementar as imagens, relacionar os grafismos ao povo, a pintura do corpo e a cestaria, eles podem memorizar as imagens ou parte delas e repetir em seus desenhos, eles podem associar imagens ao que foi conversado em sala e assim aprender.



PARA FINALIZAR

Perceba, professor, que, em nossas sugestões, partimos do princípio de que a sua função é criar condições que facilitem a aprendizagem dos alunos. A aprendizagem, neste caso, envolve os conceitos da língua, cultura, cosmologia e história Guarani, rompendo com ideias equivocadas sobre os índios brasileiros, como, por exemplo, as ideias de que os índios fazem parte do passado do Brasil; de que são todos iguais e não possuem ou produzem conhecimentos. É por isso que, é preciso privilegiar a ocorrência de reflexões antes, durante e depois da utilização da brincadeira em sala de aula. O nível de aprofundamento destas reflexões varia em função do nível de escolaridade dos alunos.





REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Série Via dos Saberes, n. 1. Brasília/Rio de Janeiro: MEC–Secad/Laced, 2006. Disponível em <http://laced.etc.br/site/acervo/textos-on-line/>.

FREIRE, J. R. B. Cinco ideias equivocadas sobre os índios. Palestra proferida no dia 22 de abril de 2002 no curso de extensão de gestores de cultura dos municípios do Rio de Janeiro, organizado pelo Departamento Cultural.

GALLOIS, D. (Org.) Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas. Exemplos no Amapá e no norte do Pará. IEPÉ/Unesco, 2011.

FRANCHETTO, Bruna. “As línguas indígenas”. In: Índios do Brasil. Caderno 2. Brasília: MEC–Seed, 2001. Disponível em http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/me001986.pdf.

PARA CONSULTAR

* <http://pib.socioambiental.org/pt>.

** <http://pibmirim.socioambiental.org/>

*** GALLOIS, D. (Org.) Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas. Exemplos no Amapá e no norte do Pará. IEPÉ/Unesco, 2011.







GUARANI MBYÁ

jogos.lúdicos.UERJ.CNPq
2015

